

O delicado tempo do movimentar (-se)

por Michelle Prazeres

O sociólogo alemão Hartmut Rosa sugere que vivemos em um estado de "estagnação corrida", em que, apesar de nada permanecer como é, nada de essencial muda.

Esta é uma das formulações que ele propõe em "Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade". Para Rosa, vivemos uma espécie de "frenesi em suspensão", onde estamos em constante movimento e aparente ausência de pausa.

Depois que o tempo passou a ser o tema de um dos meus projetos de vida, sinto que, cotidianamente, preciso parar, respirar e me fazer algumas perguntas sobre a correria que parece se impor em todos os âmbitos da vida. Sinto também que em algumas situações ela se apresenta mais voraz. Mas sinto, igualmente, que cada vez mais se assenta em mim alguma paz diante das escolhas de tempo que faço, dançando entre pausas e correrias e buscando o tão almejado equilíbrio.

Retomando a provocação de Rosa, se não paramos para fazer este exercício de questionamento sobre o nosso tempo, viveremos sem pausa. Mas podemos também interpretar que estamos diante apenas de pausa, na medida em que nos deparamos cotidianamente com diversos expoentes da aceleração, mas também com a sombra de uma vida que parece tão urgente, apressada e corrida: o vazio, a inércia, a paralisia.

A busca desta provocação é trazer elementos para pensarmos juntos(as) no que consiste um tempo da delicadeza, um tempo constituidor de um olhar e de uma qualidade de presença que podem ser causa e efeito de uma prática que se pretende transformadora.

...

É por essa estrada que têm caminhado as minhas perguntas. Pois desacelerar é isso. É se perguntar quando a velocidade faz sentido e quando ela não faz, quando estamos correndo apenas, porque isso parece ser o normal. Ou o aceitável. Ou o comum. Ou o que "todos(as) fazem".

Para sair do lugar comum e nutrir qualquer tipo de reflexão, é preciso dedicar ao processo reflexivo uma série de coisas. Entre elas, tempo.

O fato de normalmente considerarmos que não temos tempo para refletir sobre o que fazemos aqui é um imperativo de um mundo que não valoriza que tenhamos consciência sobre este fazer, sobre este habitar, sobre este desfrutar, sobre o tempo e sobre o que seria possível escolher fazer com ele.

Mas eu não tenho tempo!

Será? Costumamos ser reativos(as) a toda proposta que exige que nos debruçemos sobre nossas escolhas de tempo em um mundo que o tempo todo nos diz para agirmos no automático. E o automático é o "Não tenho tempo".

Neste mundo, o desacelerar não é ir devagar. É recobrar os sentidos. É sair deste automático. É humanizar. É convocar a consciência para fazer as escolhas (de tempo). Inclusive para saber quando a velocidade é necessária, é nos mantermos acordados(as) e atentos(as), percebendo que estamos correndo e com pressa por uma necessidade real e não por imposição do "modo automático".

As "receitas" vendidas por aí como estratégias de "gestão de tempo" querem nos fazer acreditar que basta alguma organização para fazermos caber em nossa agenda todos os "SIM" que precisamos dizer. Em apenas alguns passos - como em uma "dieta milagrosa" do tempo - é possível fazer encaixar vida, trabalho, bem-estar, propósito, ativismo, parentalidade, relações amorosas, amizades e outros "pendurricalhos de existência" em uma rotina.

Consciência temporal é a ideia de que - em vez de dizer obrigatoriamente todos estes "SIM" - é possível escolher dizer bons "NÃOS" em algumas situações e então, de fato, abrir espaço pra algo se mover.

A era da aceleração social do tempo à qual Rosa se refere em sua obra é o tempo onde a consciência temporal, onde este tempo consciente é um contra-tempo. É um tempo de resistência e persistência. É um tempo que demanda uma energia e um "estar acordado(a)". Todo tempo.

Haja energia!

Mas há outra energia! Porque a velocidade e a aceleração detonam o tempo da entrega à confiança de que as coisas acontecem. A pressa e a urgência nos arremessam ao terreno do controle, retirando nossa percepção do campo do cuidado. A correria liga a chave da pressuposição e não permite que operemos na chave da entrega. O mundo exige números. Resultados. Resoluções. E vai aos poucos interditando o universo da possibilidade da observação (e do deixar as coisas florescerem).

Por isso, tendo a acreditar que é preciso desligar a chave do automático para ligar a chave do consciente. E, ainda assim, ligar a chave do consciente não vai garantir que você não entre nunca mais no "modo automático". É preciso entender que - entre uma e outra experiência - existe movimento permanente. É que a compreensão não vai garantir que o movimento flua todo o tempo. É que na vida, operamos - o tempo todo - pendulando nas muitas chaves dessas temporalidades. É que - às vezes - estamos com todas elas ativas ao mesmo tempo. E está tudo bem. Desde que estejamos acordados(as) e atentos(as) para reconhecer quando estamos operando em qual modo (e se este modo seria o mais adequado para aquela situação que se apresenta naquele determinado instante).

Não existe uma fórmula de consciência temporal. Mas é certo que esse lugar de consciência não é habitável quando estamos desatentos(as). Também é certo que estarmos atentos(as) não garante que façamos boas escolhas de tempo o tempo todo. Ou mesmo que possamos fazer. Porque algumas delas podem estar colocadas por este universo que opera o tempo sem muitas margens de escolha (especialmente para algumas pessoas e algumas situações que envolvem a tríade tempo - trabalho - dinheiro. Mas esse ponto sozinho renderia outro texto).

Tempo da vida, tempo *giusto*...

De qualquer forma, este lugar da consciência sobre o tempo - e as escolhas - está conectado ao estar no presente, na respiração e no corpo; com a ideia de que no tempo da vida, só existe durante. Passado e futuro são projeções da mente. É no durante que a vida acontece. E a duração de acontecimentos de processos que são vivos é sempre o tempo giusto, o tempo que tem que ser. O tempo de que cada processo precisa para acontecer.

Gosto de acreditar que - se nos desenvolvermos sadiamente como indivíduos -, a consciência tende a se aproximar e chegar mais perto do durante.

Por outro lado, a armadilha-sombra do tempo presente seria o presenteísmo desprovido de memória e planos, ensimesmado e incapaz de olhar, ver, enxergar e perceber o Outro. O filósofo coreano Byung-chul Han em "A salvação do belo" afirma que o futuro é o tempo do Outro. E que o tempo hoje é o tempo narcísico do resultado, da resolução, do aqui-agora-presenteísta-individualista. Ele segue a linha de Rosa quando afirma - em "Sociedade do cansaço" - que esta sociedade "hiperativa, é - na verdade - hiperpassiva", porque paramos de refletir e o pensamento é a mais "ativa atividade".

Se pensar é agir, no mundo atual, na era da aceleração, vamos aos poucos nos privando das possibilidades de escolher agir pensando e pensar agindo. Quando esse é, justamente, o convite do durante.

Han reclama um tempo do intermediário, sem trabalho; a necessidade de se resgatar a celebração, a festa, o belo. Para ele, a política é ação do belo, do divino. Na minha experiência, refletir, estar presente e atenta, escutar, dialogar, compreender, demorar, olhar, ver, enxergar, perceber, cuidar... todas estas seriam qualidades possíveis de escolhas de tempo mais humanas. E para desfrutar desse lugar, o que seria mesmo urgente é desacelerar.

Para saber mais:

ACOSTA, Alberto. **O bem-viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Ed. Elefante, 2016.

De MASI, Domenico. **Alfabeto da sociedade desorientada: para entender o nosso tempo**. Tradução Silvana Cobucci. Federico Carotti. 1a ed. São Paulo: Objetiva, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis:Vozes, 2014. | **A salvação do belo**. Petrópolis:Vozes, 2019.

HONORÉ, Carl. **Devagar**. São Paulo: Record, 2005.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na modernidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ROVELLI, Carlo. **A ordem do tempo**. São Paulo: Objetiva, 2018.